



FAIPE-FACULDADE DE TCNOLOGIA DO IPÊ

JULIANA FURQUIM RODRIGUES

KÁTIA RODRIGUES

REPERCUSSÕES NA PÓS MODERNIDADE DA TECNOLOGIA NO CICLO
VITAL DAS FAMÍLIAS COM ADOLESCENTES

ORIENTADORAS: ELIANE SANTOS ALVES

ELOISA HELENA KUBSESKI

CUIABÁ-MT
2018

JULIANA FURQUIM RODRIGUES

KÁTIA RODRIGUES

REPERCUSSÕES NA PÓS MODERNIDADE DA TECNOLOGIA NO CICLO
VITAL DAS FAMÍLIAS COM ADOLESCENTES

ORIENTADORAS: ELIANE SANTOS ALVES

ELOISA HELENA KUBSESKI

Projeto de Pesquisa apresentado à Disciplina de Metodologia Científica de Prática Clínica do Curso de Especialização de Terapia Familiar e Casal da Instituição FAIPE, como exigência parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Terapia Familiar e Casal. Orientação das profs. Ms. Eloisa Kubiszeski e Esp. Eliane dos Santos Alves.

CUIABÁ- MT
2018

REPERCUSSÕES NA PÓS MODERNIDADE DA TECNOLOGIA NO CICLO VITAL DAS FAMÍLIAS COM ADOLESCENTES.

Juliana Furquim Rodrigues*
Kátia Rodrigues*

RESUMO

Este artigo pretende realizar uma análise breve das repercussões de alguns estressores digitais tais como : cyberbullying , dependência da tecnologia no ciclo vital das famílias com adolescentes, podendo levar a manifestação de transtornos afetivos ou traumas, tendo por método a revisão de literatura científica sobre os temas.

O objetivo central deste trabalho é alertar as famílias com adolescentes como principal rede de proteção para prevenção ou redução de riscos possibilitados pelo uso da internet, sem desconsiderar outros contextos que compõe a rede de proteção: o grupo de pares, profissionais de saúde mental e educadores.

Palavras-chave: Ciclo Vital das Famílias com Adolescentes; cyberbullying; dependência digital; transtornos afetivos; traumas.

ABSTRACT

This article intends to carry out a brief analysis of the repercussions of some digital stressors such as: cyberbullying, dependence of the technology on the life cycle of families with adolescents, and may lead to the manifestation of affective disorders or traumas, having by method the review of scientific literature on the themes .

The main objective of this work is to alert families with adolescents as the main protection network to prevent or reduce risks made possible by the use of the Internet, without disregarding other contexts that make up the protection network: the peer group, mental health professionals and educators .

Keywords: Family Life Cycle with Adolescents; cyberbullying; digital dependency; affective disorders;trauma.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. ADOLESCÊNCIA E A SUA REDE DE PROTEÇÃO OU DE RISCO?.....	09
3. CYBERBULLYING	12
4.DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA	14
5. TRANSTORNOS AFETIVOS E OS TRAUMAS:.....	19
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
7. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	23

1. INTRODUÇÃO

O período da adolescência é compreendido em um período que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos, conforme a definição da Organização Mundial de Saúde.

Essa fase é comumente associada à puberdade, onde ocorre um conjunto de transformações fisiológicas ligadas à maturidade sexual, que traduzem a passagem progressiva da infância e da adolescência (FROTA, 2007 apud VIANA, 2017).

As definições de adolescência são diversas mas pode ser caracterizada como uma fase especial no processo de desenvolvimento, na qual a confusão de papéis, as dificuldades para estabelecer uma identidade própria a marcava como um modo de vida ente a infância e a vida adulta. (ERIKSON, 1976 apud VIANA, 2017).

O uso da tecnologia da informação e da comunicação (TIC) entre os adolescentes cresceu consideravelmente nos últimos anos. Segundo o Relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) Situação Mundial da Infância 2017: crianças e adolescentes em um mundo digital, mais de 175 mil crianças acessam o ambiente online pela primeira vez todos os dias, uma nova criança a cada meio segundo.

Constataram que a cada um dos três usuários da internet tem menos de 18 anos e de acordo com o levantamento da agência da ONU (2018) as crianças têm começado a acessar a internet cada vez mais novas.

O Brasil em 2015 tinha 23,4 milhões de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos usuários da internet (UNICEF, 2017).

Dados do IBGE (2017) revelam que 17,9% da população brasileira é composta por adolescentes, equivalente a mais de 34 milhões de pessoas.

Diante desta realidade, a importância de conseguir maior compreensão da evolução da TIC e suas interfaces com os adolescentes, ou seja, a necessidade de investigar a maneira que a tecnologia vem influenciando os aspectos psicológicos dos adolescentes e seus relacionamentos interpessoais. Levando em consideração tanto os benefícios, na perspectivas do uso apropriado das TICs têm sido demonstradas inúmeras vantagens, como no âmbito da saúde mental, incluindo psicoterapias. Reconhecemos e destacamos os benefícios que a cultura tecnológica tem oferecido à sociedade, mas também observamos os significativos riscos

decorrentes dessa cultura advindos dos centros urbanos, associados ao sofrimento e à depreciação da qualidade de vida e ao uso excessivo e/ou indiscriminado das TICs. Tem sido recorrente a queixa de isolamento social associada ao uso problemático da internet em consultórios psicológicos e psiquiátricos com repercussões traumáticas.

Esses elementos tem se mostrado nocivos a indivíduos de todas faixas etárias, no entanto os indivíduos mais pré-maturos demonstram maior vulnerabilidade diante do amplo número de horas que os adolescentes permanecem expostos a internet como também a exposição a conteúdos inapropriados a esse estágio do ciclo vital.

Pensar em adolescentes, primeiramente precisamos pensar em família, implica em considerar que o comportamento de cada um dos seus membros é interdependente do comportamento dos outros. Nesse sentido, a unidade familiar é um sistema composto por indivíduos que podem também ser considerados sistemas por si só e ao mesmo tempo, uma parte de um sistema, ou seja, um subsistema. Essa unidade familiar faz parte de um sistema maior que se inclui em outros sistemas mais amplos, como o sistema sociocultural e assim por diante (CERVENY, 2000 apud BÖING et al,2008)

São várias as teorias sistêmicas que podem contribuir para o embasamento teórico dos estudos com famílias, dentre elas: a compreensão do ciclo de vida familiar.

O ciclo vital familiar envolve as várias etapas definidas sob alguns critérios pelas quais as famílias passam da sua constituição em uma geração até a morte dos indivíduos que a iniciaram (CERVENY& BERTTHOUD, 2009).

Ao longo do ciclo de vida familiar, as famílias vivem eventos que podem funcionar como estressores. Conforme o gráfico 1.1, os estressores podem ser classificados como: estressores verticais e os horizontais (CATER & MACGOLDRICK, 1995).

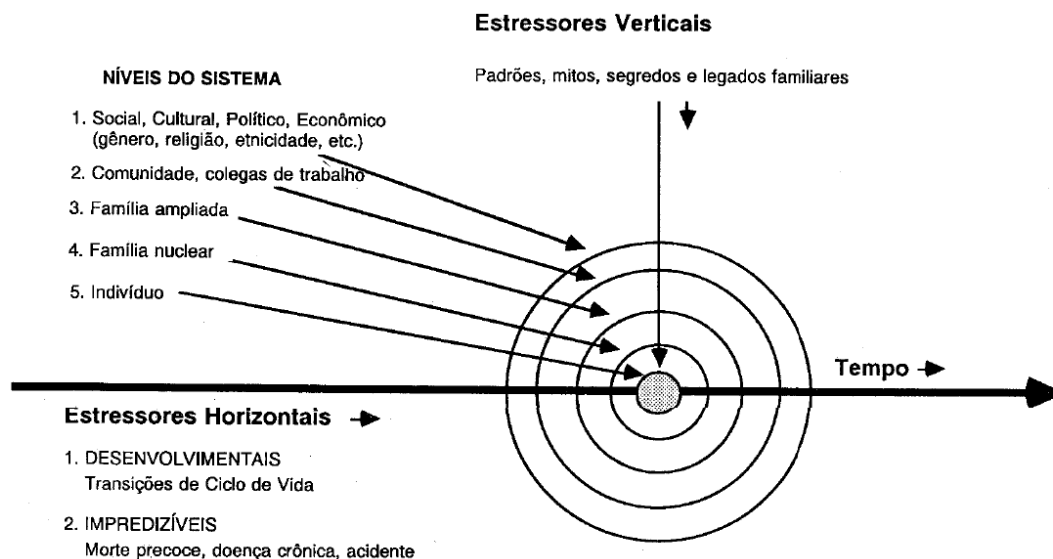


Figura 1-1 .Estressores horizontais e verticais.

Os estressores verticais são os padrões de relacionamentos e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família. São as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares com as quais nós crescemos e convivemos (BOWEN apud CATER & MACGOLDRICK,1995).

Essas transmissões transgeracionais, estão inclusas também os medos, os mitos e os padrões de comportamento.

Dentro dos estressores horizontais, ocorrem eventos previsíveis denominados **desenvolvimentais**(transições de ciclo de vida) e outros eventos **imprevisíveis** (morte,doença crônica,acidente, entre outros) que desestabilizam as famílias.

As autoras Carter e McGoldrick classificaram o ciclo vital familiar em seis estágios, na perspectiva da classe média americana no final do século XX: (1) estágio em que os jovens solteiros saem de casa;(2)a união de famílias no casamento: o novo casal;(3)famílias com filhos pequenos;(4)famílias com adolescentes;(5)lançando os filhos e seguindo em frente e (6) famílias no estágio tardio da vida (CARTER et al,1995).

No Brasil, com base nos estudos de Cerveny & Bertohoud(2009) , classificaram em quatro fases o ciclo vital da família: fase de aquisição,família adolescente, fase madura e fase última.

Neste artigo, pretendemos analisar brevemente a repercussão de alguns eventos estressores horizontais imprevisíveis no estágio da adolescência, tais como: as formas de

cyberbullying e a dependência de tecnologia, podendo levar a manifestação de traumas psicológicos e até suicídio.

E a importância da família como principal de proteção adequada aos adolescentes, além da rede de pares dos adolescentes, profissionais da saúde mental e educadores para prevenção ou redução dos riscos.

2. ADOLESCÊNCIA E A SUA REDE DE PROTEÇÃO OU DE RISCO?

A transição para o ciclo da família com adolescentes requer mudanças na família necessárias para prosseguir desenvolvimentalmente, conforme os estudos de Betty Carter e McGoldrick (1995).

- Modificar os relacionamentos progenitor-filho para permitir ao adolescente movimentar-se para dentro e para fora do sistema.
- Novo foco nas questões conjugais e profissionais do meio da vida.
- Começar a mudança no sentido da geração mais velha. (CARTER et al,1995)

Pretendendo nos ater nas mudanças no que se refere a nessa necessidade de modificar o relacionamento progenitor –filho, em que os pais estabeleçam fronteiras mais flexíveis, ou seja, os pais permitem que os adolescentes se aproximem e serem dependentes no momento em que não conseguem manejar as coisas sozinhos, e se afastarem e experimentarem, com graus crescentes de independência, quando estão prontos. Importante que exista uma transformação do sistema familiar na adolescência para permitir e estimular esses novos padrões.(CARTER et al,1995).

Na perspectiva das famílias brasileiras, os estudos mostram a fase denominada família adolescente, nome dado devido ao fato de na maioria das famílias haver uma tendência de todos adolescerem, nestes casos, a hierarquia na família fica dissolvida entre pais e filhos, e as regras da primeira fase já não dão conta do bom funcionamento da família. Ressalta a importância do diálogo entre pais e filhos e a flexibilização de valores e normas de conduta (CERVENY& BERTTHOUD, 2009).

O desenvolvimento da adolescência é contextual e histórico, podendo ter traços distintos nas diferentes culturas sociedades e épocas, podendo-se falar em adolescências, ou seja, as muitas formas de ser adolescente e de se relacionar com o outro (OLIVEIRA et al,2017).

As autoras bem colocam que para muitos a adolescência é a época de experimentação sem o controle direto dos pais. Assim ocorre a primeira interação amorosa e sexual, a curiosidade sobre drogas, incluindo álcool e tabaco; os desafios e experimentação na formação educacional, relacionados às demandas ao cursar o ensino médio, exames de qualificação e

vestibular ou ainda a escolha profissional. Para outros, estão relacionadas à inserção ao mercado de trabalho, com necessidade de saída da escola, em busca de auto-sustentação e assumindo responsabilidades sobre si mesmo.

Os adolescentes nesse estágio sofrem influências de diversos contextos: interações com a família e pares, conhecimento de hierarquia, relações de poder, coesão e estabilidade, bem como momentos históricos, rotinas, crises e das suas próprias individualidades e competências.

Pretendemos destacar nesse artigo dois contextos de fundamental importância: a interação com a família e com os pares, que podem funcionar tanto como rede de proteção como de risco.

Ao longo do ciclo vital a família tende ser sempre foco de referência e pertencimento, pois tudo começa e acaba dentro da família, influenciando na formação de ideologias, valores, e crenças dos seus membros.

Um contexto familiar de trocas afetivas, comunicação e senso de pertencimento e estabilidade pode desenvolver a competência necessária para que os adolescentes sejam capazes de enfrentar ou não as adversidades pessoais ou sociais, bem como aproveitar as oportunidades (OLIVEIRA et al, 2017).

Vale ressaltar que para que essa rede se torne apoio para os seus membros é de fundamental importância que os pais ou responsáveis estejam mais presentes, vigilantes na vida dos filhos para que possam identificar as influências negativas que podem estar sofrendo em diversos contextos, que podem ter como instrumento de mediação: a tecnologia da informação.

Desta maneira, para que a família torna-se uma rede de proteção eficaz, se faz necessário disponibilize tempo para os seus filhos, tempo para que haja as trocas afetivas, comunicação e a vigilância necessária quanto aos conteúdos inapropriados que as crianças e os adolescentes estão expostos; através da tecnologia da informação e comunicação; que podem representar algum risco. Atentos ao grupo de pares, que também cada vez mais se interagem através da internet, os quais exercem influência na construção da sua identidade, dos valores, dos ideais e dos objetivos de vida.

Considerando que os adolescentes buscam, nessa fase, encontrar seu lugar no mundo e construir um senso de identidade bem articulado aos seus valores, história de vida e idéias de futuro (RODRIGUES & DAMÁSIO, 2014 apud OLIVEIRA et al, 2017).

Os contextos de riscos ou de proteção não são estáticos. Eles dependem da qualidade dessas relações, do afeto e da reciprocidade presentes neles. (POLETO& KOLLER, 2008 apud OLIVEIRA, 2017).

3. CYBERBULLYING

O uso da tecnologia pode oferecer diversos benefícios, tais como: aproximar as pessoas, ampliar a rede de amigos, combinar eventos, conversar com os pares de uma forma facilitada e imediata, trocar informações, possibilitando obter uma rede de apoio social e emocional. Apesar desses benefícios, os adolescentes também podem ficar vulneráveis a agressões eletrônicas no qual se destaca o cyberbullying, funcionando como estressores horizontais (impredizíveis). Estressores como estes, aliadas ainda à falta de monitoramento familiar, podem promover alguns riscos tanto de traumas até suicídio.

Lembrando que os eventos estressores em si não levam obrigatoriamente à manifestação de traumas psicológicos, dependerá da maneira como as pessoas processam a situação estressora é determinante para que o trauma seja configurado ou não (PERES et al,2012)

O cyberbullying é definido como um fenômeno que envolve comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, realizados através de meios eletrônicos, ao longo de determinado período, e perpetrados por um indivíduo ou grupo contra uma vítima que apresenta dificuldades em se defender (SLONJE & SMITH,2008 apud MALLMANN et al,2018).

Weinstein e Selman, buscando compreender as formas de cyberbullying vivenciadas pelos adolescentes em suas redes sociais, encontraram seis diferentes formas de estresse sentido pelos adolescentes:” Os seis estressores digitais”.Os autores definiram como: Vergonha e humilhação pública,Fingir ser outra pessoa,Ataques pessoais maldosos e assédio,Invadir e entrar,Pressão para consentir e sufocamento (WEINSTEIN & SELMAN,2014 apud OLIVEIRA at al 2017).

Estressor ”Vergonha e humilhação pública”, trata-se de publicação de mensagens caluniosas, de segredos e de fotos de pessoas nuas.O estressor fingir ser outra pessoa”refere-se ao ofensor que se passa como vítima, usando sua identidade, com o objetivo de caluniar, zombar ou constranger o alvo. Em geral, a vítima tem seu perfil de rede social hackeado ou o ofensor cria um perfil falso para se passar pela vítima.Os adolescentes receberam ataques pessoais por mensagens online que foram considerados pelos autores como: “Ataques pessoais maldosos e assédio”.”Invadir e entrar” é a ação de entrar na rede social usando a conta de outra pessoa ou mesmo olha os dispositivos digitais de alguém sem permissão, acessando conteúdos

particulares, como as mensagens privadas. O estressor “Pressão para consentir” refere-se ao ato de exigir ou insistir em pedir acesso às contas de redes sociais e/ou envio de fotos nuas de outra pessoa com quem está relacionando. Pode ocorrer entre parceiros românticos e amigos íntimos, como prova de confiança e lealdade. E o “sufocamento”, não diz respeito aos conteúdos, mas especificamente a quantidade de mensagens e a exigência de instantaneidade das respostas. (OLIVEIRA, 2017).

O cyberbullying trata-se de uma nova forma de bullying que ocorre frente a frente, o cyberbullying ocorre indiretamente, pode ser anônimo e ainda alcançar uma platéia muito mais ampla, sem falar que os conteúdos postados podem ser vistos reiteradamente, representando uma ameaça maior, sem lugar seguro. Mallmann et al (2018) citou diversas pesquisas que constataram a relação entre esses tipos de agressão e sintomas: depressivos, ansiedade social e baixa autoestima, e outras pesquisas associando a dificuldades acadêmicas, ideação suicida e até tentativa de suicídio.

4.DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA

Antes de refletirmos sobre a dependência da internet, os fatores que envolve esse processo, se faz necessário um breve esclarecimento acerca do conceito de dependência que iniciou a ser vista como uma doença no século XIX. Antes o uso exagerado de álcool, por exemplo , não estava associado a uma perda de controle, a um desejo compulsivo de seu uso ou mesmo como um desvio patológico, mas como uma opção do indivíduo.

A partir do século passado, que a dependência começou a ser associada a um transtorno da mente por Benjamin Rush que adicionou a este conceito de dependência a presença de um transtorno na vontade do indivíduo. É neste período que se forma o conceito de dependência aliado a um início de uso não patológico de álcool evoluindo para a dependência. (Berridge,1994).

A dependência da internet atualmente esta em destaque no *ranking* das adições e tem sido considerada uma das novas formas de adição do grupo das dependências comportamentais.

A classificações operacionais como o DSM-IV (APA,1994) categoriza a Dependência a substâncias (como álcool e outras drogas) como sendo um transtorno psiquiátrico do eixo I, com critérios diagnósticos de comportamento maladaptativo, onde o indivíduo passa a expressar, sem controle voluntário, que produz distúrbios no plano social, psicológico e físico. Para esta categoria um dos critérios diagnósticos determinante é os sintomas de abstinência (decorrentes da interrupção do uso da substância) e o desenvolvimento da tolerância, que é a necessidade de consumir uma quantidade cada vez maior para se obter o mesmo efeito anteriormente alcançado.

Em 1996 Ivan Goldberg foi o primeiro a citar o termo dependência de Internet, para definir como uma categoria diagnóstica caracterizada por um uso compulsivo e patológico da Internet, recentemente este autor sugeriu a mudança de termo para uso patológico de computador (Goldberg,1996).

Já o autor King (1996) sugeriu que os indivíduos que o uso excessivo de computador causasse um prejuízo em seu funcionamento físico, psicológico, interpessoal, conjugal, econômico e social, seria definido como categoria diagnóstica o Transtorno do uso patológico de computador.

Young (1996) caracterizou o uso patológico de internet utilizando os critérios diagnósticos para jogo patológico do DSM IV como se fosse um transtorno patológico do

impulso, através de seu estudo Young (1996) identificou entre os "dependentes de Internet" as seguintes características: um início recente de utilização da Internet (menos do que 6 meses), com uma carga horária média de 38 horas/semana, com padrão de aumento rápido do número de horas "on-line" enquanto que entre os "não-dependentes" o uso de Internet era superior a um ano, não apresentavam padrão de aumento rápido do número de horas e uma carga média de 5 horas por semana.

No entanto a quantidade de horas de utilização de Internet, considerada como normal ainda é muito discutida, sendo um elemento que não é adequada para se determinar a presença ou não da dependência na medida em que o relato é obtido a partir do próprio usuário, que muitas vezes não é fidedigno. E ainda há indivíduos que o padrão de uso patológico podem utilizar menos horas do que o acima mencionado e ainda assim apresentarem as consequências negativas deste uso (Holmes a,1998).

Na realidade o que parece ter mais relevância quanto ao uso excessivo de computador é o prejuízo causado na vida do indivíduo e em seu funcionamento físico, psicológico, interpessoal, conjugal, econômico e social. Fatos que comprometam o plano social familiar e profissional pelo uso preferencial e exclusivo da Internet sobre as demais atividades e principalmente a incapacidade de controlar o número de horas de uso de Internet, com uma tendência a ter sensação de tristeza, ansiedade e mal-estar quando não está on-line(Goldberg,1996).

Os principais prejuízos deste uso patológico pode alcançar a perda de emprego, mau desempenho escolar, divórcios ou rupturas de relacionamentos afetivos e familiares, isolamento social, gasto excessivo de dinheiro com internet levando a dívidas expressivas, descuido com a própria aparência e saúde física. (King,1996; Young,1996).

Segundo Briggs (New York) as características da dependência de Internet, seria análoga à Dependência de Substâncias citando os sintomas como a tolerância (a necessidade de aumentar o número de horas on-line), síndrome de abstinência (mal estar, ansiedade e angústia quando distantes do computador) e falta de controle para interromper o uso de Internet.

Há vários estudos que fazem uma análise compreensiva do fenômeno de dependência de internet, como sendo um mecanismo de dependência. Pelo fato destes ambientes virtuais proporcionarem ao usuário uma gratificação imediata de suas necessidades mais básicas até as mais sofisticadas (necessidade de relacionamentos interpessoais, reconhecimento social, etc).

Assim estes sistemas funcionam como reforço imediato a determinados comportamentos e necessidades não supridas pelo mundo real e permitiriam a expressão de

determinadas características de personalidade, antes encobertas. Porém a extensão em que as frustrações da vida real podem contribuir para o desenvolvimento da dependência por Internet é ainda mal compreendida. A hipótese proposta por King (1996) é que a Internet oferece um acesso à informação, relacionamentos e tipo de comunicação que muitos não poderiam esperar que ocorressem em suas vidas cotidianas.

Sendo assim o elemento nos faz refletirmos acerca do padrão de personalidade e de relacionamento social e afetivo prévio ao desenvolvimento de um comportamento patológico de uso de internet. Conforme um indivíduo com dificuldades em diversas esferas utiliza-se de um instrumento tal qual, como Internet para procurar minimizar o que não consegue superar a partir de suas próprias habilidades. Assim como alguns comportamento que são utilizados entre indivíduos com transtornos depressivos e que desenvolvem alcoolismo ou dependência à cocaína para amenizar sintomas depressivos (Batki,1990).

A Dependência da Internet deve ser considerada um distúrbio comportamental que leva o indivíduo a colocar em segundo plano todas as suas responsabilidades pessoais, familiares, sociais e profissionais. Caracteriza-se por ser uma dependência psicológica. É uma patologia grave, que pode condicionar de forma traumática e violenta a vida diversas pessoas e de seus familiares. Inclui componentes como a preocupação excessiva com a Internet, alterações do humor, sintomas de abstinência, estresse, mentiras acerca do tempo *online*, conflitos e recaídas, como qualquer outra adição.

O ciberespaço é tido como um espaço seguro e oferecendo a sensação de proteção é reconfortante, pois passam a acreditar, através de pensamentos distorcidos, que só nesse espaço virtual é que são respeitados, amados e valorizados enquanto pessoas.

Os indivíduos que sofrem deste transtorno têm pouca capacidade de controle dos impulsos. Apesar dos prejuízos que a utilização excessiva da Internet causa, não conseguem deixar de ficar *online*, pois o computador torna-se a relação primária na vida deles. Sentem-se mais encorajados, atraentes e desejáveis nos contatos virtuais, do que quando estão perante a possibilidade de construir uma nova relação de forma tradicional, podendo até revelar verdades pessoais e íntimas, que poderiam levar meses ou anos para se desenvolver numa relação “off-line” (Young, 2009).

Há um padrão dependente ou compulsivo, como principal característica envolve não apenas a presença de tolerância que exige cada vez mais tempo de ligação, mas também graus cada vez maiores e variados de conteúdo estimulante, ou uso mais frequente, como também a presença de uma forma de padrão de abstinência. Neste padrão de abstinência desencadeia um estado de maior irritabilidade e desconforto psicológico e fisiológico quando separado da internet.

Ying, diretor do Instituto de Desenvolvimento Psicológico CYAND (China Youth Association for Network), propôs um modelo circular sequencial neuropsicológico para explicar o comportamento da Dependência da Internet (Tao, Ying, Yue e Hao, 2007)

De um modo geral, um dependente apresenta as seguintes características:

- Preocupação - O dependente fica constantemente preocupado com a internet quando está off-line e mal consegue pensar noutra coisa, ficando ansioso pela próxima oportunidade de usá-la;
- Necessidade (tolerância) - A pessoa em causa tem a necessidade contínua e crescente de utilizar a Internet como forma de obter a excitação desejada, necessitando de estar online cada vez mais tempo para conseguir a mesma satisfação;
- Irritabilidade - Quando tentam reduzir o tempo na Internet, o dependente apresenta reação de irritabilidade e grande dificuldade de aceitação;
- Fuga - Utilização da Internet como forma de fugir a problemas, ou de aliviar sentimentos de culpa, ansiedade ou depressão.
- Mentira - O dependente tem o hábito de mentir a familiares e pessoas próximas sobre o tempo que está online, com o intuito de ocultar a verdadeira extensão do seu envolvimento nas atividades online;
- Prejuízos/Malefícios - Com o excesso de tempo na Internet, compromete a sua vida social e profissional, evitando compromissos off-line;
- Lesões - O uso prolongado do computador causa problemas nas articulações motoras utilizadas na digitação, o que causa lesões por esforços repetitivos (LER);
- Apatia - O viciado em Internet tem falta de interesse em atividades que sejam realizadas fora da rede ou longe do mundo digital;
- Ilusão - Sensação de estar vivendo um sonho, durante um período prolongado na Internet, é comum no dia-a-dia da pessoa com compulsão ao acesso;

- Tempo - Tempo exagerado de conexão, aliado à má qualidade do uso da Internet.

A forma da utilização da Internet é o elemento determinante para definir se o indivíduo é viciado ou não;

- Temas - Os temas abordados normalmente pelo indivíduo são relacionados, de forma direta ou indireta, com a própria Internet;

Os estudos e consequentemente as discussões acerca do uso patológico da internet e as consequências negativas na vida dos indivíduos evoluíram, empurrados pelas eventos trágicos que tem ocorrido atualmente em muitos países, a tal ponto que cuminou, com a previsão para julho de 2018, a classificação de uma nova categoria de transtorno a Dependência a Internet no DSM v, pela Organização Mundial de Saúde.

5. TRANSTORNOS AFETIVOS E OS TRAUMAS:

Estudos revelam que o transtorno de ansiedade social e de depressão são os mais freqüentes nos adolescentes, como também tem chamado a atenção dos estudiosos o tratamento de ansiedade social em comorbidade com a depressão e as influências de uma patologia sobre a outra. A associação entre esses transtornos esteve ligada também a outras variáveis, tais como: o uso de internet, a baixa autoestima, esquemas desadaptativos, o baixo apoio como fator de risco, a diferença entre gêneros, as relações interpessoais e o coping. Vários são os fatores de risco para a depressão no adolescente, precisando levar em consideração, sua história pessoal e familiar como: depressão, tratamento bipolar, comportamentos suicidas, abuso de drogas, outras doenças psiquiátricas, transtornos de níveis sociais como crises familiares, negligências, abuso físico ou sexual ou outras circunstâncias traumáticas. O risco de comportamento suicida aumentam com as comorbidades relacionadas ao abuso de drogas, impulsividade e agressão, exposição a acontecimentos violentos, acesso as armas letais e outros transtornos psiquiátricos (BRITO apud VIANA,2017).

No que se refere aos estressores virtuais, importante ressaltar que eventos estressores em si não necessariamente levam à manifestação de traumas psicológicos, experiências intensas e devastadoras podem disparar diversos efeitos, a depender do processamento cognitivo do indivíduo que permeia a relação com o evento estressor. Dependerá da maneira como as pessoas processam a situação estressora é determinante para que o trauma seja configurado ou não, o repertório resiliente e a percepção de si são imensamente influenciados pela qualidade do convívio e dos vínculos construídos ao longo da infância e da adolescência: a percepção saudável de autoeficácia, tais habilidades de reconhecimento da capacidade própria de enfrentar e superar dificuldades é o principal fator de ajuste resiliente.

Desse modo, as crianças e adolescentes envolvidos com os múltiplos estímulos da cultura tecnológica e isolados das relações presenciais aumentam a vulnerabilidade ao trauma psicológico decorrente do limitado repertório de enfrentamento e superação de conflitos.

Neste momento nos deteremos a refletirmos acerca das significativas vulnerabilidades às várias faces do trauma psicológico, evento que por vezes imperceptíveis aos indivíduos, influenciados pela cultura tecnológica em centros urbanos. Tal fenômeno é atribuído ao movimento “frenético” e constante de por dia com múltiplas tarefas ao mesmo tempo. O resultado desse distúrbio é chamado popularmente de “Cérebro de Pipoca” o que se caracteriza

o analfabetismo emocional, a dificuldade de identificar as emoções na face, na postura ou na voz dos indivíduos, e dessa maneira prejudicando o relacionamento interpessoal *in vivo*.

Os indivíduos que fazem diversas coisas ao mesmo tempo apresenta mais dificuldade de excluir as informações desnecessárias, e ainda acumulam o efeito residual do estresse e seus prejuízos à saúde. Os adolescentes e as crianças parecem ser os mais prejudicados pelo distúrbio decorrente da exposição contínua a múltiplas atividades enquanto estão conectadas na rede com várias janelas abertas. Frente às diversas ofertas sensoriais, o controle cognitivo imaturo das crianças e dos adolescentes favorece a exposição de risco elevado para manifestação da adicção à internet.

O universo digital tem se tornado cada dia mais apelativo, atrativo, considerando a qualidade das informações tecnológicas de alta resolução e miríade de cores vívidas, que seduzem os usuários por meio da excitação provocada pelos estímulos sensoriais. A utilização de ferramentas de som, imagem, texto, grafismos e todas as potencialidades hipermídia, contribuem decisivamente para atrair os jovens que tendem a adaptarem facilmente a tantos estímulos irresistíveis a atenção involuntária e voluntária.

Ying sugeriu um modelo circular sequencial neuropsicológico para explicar o comportamento da Dependência da Internet (Tao, Ying, Yue e Hao, 2007).

A crescente expectativa da nova informação no próximo clique pode gerar um ciclo recorrente de ansiedade e posteriormente um certo “alívio”, como o padrão que jogadores patológicos apresentam.

Como já citado os adolescentes apresentam mais dificuldades de controlarem o uso impulsivo da internet para busca de novidades, novos comentários às postagens, controle aparente da vida de conhecidos e desconhecidos e, conseqüentemente, se tornam adictos em internet.

A empatia que é essencial à interação humana saudável e ao processo de humanização, tem se apresentado prejudicada em adolescentes excessivamente expostos à internet.

Há muitos profissionais da saúde tem se preocupado com os riscos da cultura tecnológica, os efeitos das tecnologias interativas sobre o comportamento e sociedade, tanto positivas como negativas, abrangendo tópicos como: redes sociais no Facebook, Twitter, YouTube; comunicação e saúde; dependência de Internet; cyberbullying; estudos epidemiológicos do uso da internet e do comportamento; e dependência de ciberpornografia.

As fundamentais funções essenciais à boa adaptação da personalidade ao mundo real podem ser comprometidas pelo excesso de exposição ao mundo virtual, são estas a noção de tempo e de espaço; sono; memória; monitoramento/percepção dos sentidos; imagem corporal; noção do Eu; preservação da integridade pessoal; noção de perigo real; e empatia, foi o que apontou estudos publicados no *CyberPsychology and Behavior*.

Para além dos prejuízos da qualidade das relações interpessoais, foi observados alguns aspectos associados ao uso demasiado das TICs, que em favorecem a vulnerabilidade ao trauma psíquico, como o aumento dos níveis de estresse psicológico e social, aumento da evasão escolar, atividades de lazer limitadas, tempo de sono reduzido, significativo cansaço/esgotamento durante o estado de vigília, maior expressão de sintomas musculoesqueléticos, depreciação do convívio familiar e social, maior incidência de abuso de substâncias, insatisfação e ausência de significado para existência, frequência exacerbada de experiências dissociativas, comportamentos impulsivos, baixa autoestima e aumento do risco a violência de diversos tipos decorrente da exposição irrestrita da privacidade.

Os estímulos oriundos da internet podem sensibilizar outros comportamentos de risco. Alguns sites da internet descrevem formas pelas quais o suicídio pode ser cometido e muitos outros desencorajam indivíduos em sofrimento a procurarem ajuda profissional.

Pesquisas recentes revelaram os resultados epidemiológicos, que a prevalência de usuários da internet foi significativamente e positivamente correlacionada com as taxas de suicídio na população geral em ambos os sexos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar os benefícios das TICs tal qual, uma forma de inclusão social para aqueles que, antes tinham possibilidades muito restritas. E ainda formas alternativas de comunicação, interação social, busca de informações, atualmente utilizadas com sucesso em muitos casos para apoiar as estratégias pedagógicas em processos de aprendizagem e vários estudos relacionam o uso de jogos eletrônicos com a maior facilidade de aprendizado, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras, a melhora na capacidade de orientação espacial e a facilitação da socialização de indivíduos tímidos e por quê não para indivíduos bem regulados emocionalmente fonte de exercitarem suas fantasias. Porém seu uso excessivo e a exposição a conteúdos inadequados tem gerado danos a vida de inúmeros indivíduos.

Tornou-se comum as crianças e adolescentes sentadas na frente do computador por horas e horas e muitas vezes sem a presença dos responsáveis. Deixando de se relacionar com seus pares, das brincadeiras de rua, brinquedos, leituras, que possibilitam o desenvolvimento das habilidades necessárias a sua faixa etária. Torna-se danoso pela falta de limites e de vigilância da família enquanto principal rede de proteção,

No ciclo vital de famílias com adolescentes é necessário que os pais possibilitem uma fronteira mais flexível, os pais não podem impor uma autoridade completa, requer que os responsáveis dialoguem mais com seus filhos, estejam mais presentes em suas vidas, realize trocas afetivas, estabeleça hierarquia, limites saudáveis, inclusive de horários de uso da internet, evitando a dependência digital e possíveis traumas psíquicos ou até suicídio possibilitadas pelas agressões eletrônicas.

Este estudo pode contribuir no sentido de instruir a família em relação ao seu papel fundamental de rede de proteção como também alertar os profissionais da saúde com relação às comorbidades em relação à tecnologia e a importância de se realizar uma psicoeducação às famílias com adolescentes em relação a situações de riscos que os mesmos estão expostos na sociedade pós-moderna para fins de prevenção ou redução de danos, tais como: prejuízo das relações interpessoais, transtornos de depressão, ansiedade social e comprometimento das atividades diárias como as responsabilidades pessoais, familiares, sociais e profissionais. E quanto ao tratamento de dependência de internet é fundamental envolver todos os familiares na recuperação do paciente e alertar na identificação nos sinais de recaída. Este modelo compreende o indivíduo como todo, não apenas na parte da adição. O fundamento desse tratamento tem como base o autoconhecimento e autoaceitação.

7. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BERRIDGE,V. **Dependência: história dos conceitos e teorias**. In: Edwards & Lader. **A natureza da dependência das drogas**. Porto Alegre :Artes Médicas. pp13-34,1994.

BÖING, E. et al. **Pesquisa com famílias: aspectos teórico – metodológicos**. Paidéia, p. 251-266, 2008. Disponível em :<http://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=305423762004>.

CARTER, B. et al. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed ,p.7-29 , 1995. Disponível em :
http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_34_ww.pdf

CERVENY, C. M. O., & BERTHOUD, C. M. E **Ciclo vital da família brasileira**. In L. C. Osório & M. E. P. Valle (Orgs.), *Manual de terapia familiar* (pp. 25-37). Porto Alegre: Artmed, 2009.

SCHREIBER, Fernando Cesar de Castro; ANTUNES, Maria Cristina. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015.Disponível em
:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jul. 2018.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS. Internet e Adolescência: **Novas tecnologias exigem atitude colaborativa, diálogo e aprendizado mútuo**. 2017. Disponível:
https://www.unicef.org/brazil/pt/internet_e_adolescencia_fev17.pdf.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ,2016. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20077-nove-entre-dez-usuarios-de-internet-no-pais-utilizam-aplicativos-de-mensagens.html>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística OPAS/OMS e Ministério da Saúde lançam publicação sobre saúde dos adolescentes, 2017. Disponível em :

<https://nacoesunidas.org/opasoms-e-ministerio-da-saude-lancam-publicacao-sobre-saude-de-adolescentes/>

MALLMANN, C.L. et al. **Cyberbullying e Estratégias de Coping em Adolescentes do Sul do Brasil**. Act.Colom.Psicol, Bogotá , v. 21, n. 1, p. 13-43, June , 2018 . Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552018000100013&lng=en&nrm=iso>. access on 30 June 2018. <http://dx.doi.org/10.14718/acp.2018.21.1.2>.

OLIVEIRA, M.S.; ANTONI,C; KÖLLER,S. **Relações Interpessoais no Ciclo Vital: Conceitos Contextos. Os Adolescentes em seus diferentes contextos desenvolvimentais: família, escola, grupo de pares**. 2017. Vol 1, p.119-149.

ORGANIZAÇÃO UNIDAS DO BRASIL.UNICEF: **um terço dos jovens do mundo não tem acesso a internet**. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-um-terco-dos-jovens-do-mundo-nao-tem-acesso-a-internet/>

ORGANIZAÇÃO UNIDAS DO BRASIL. **UNICEF e Facebook lançam ferramenta que falam com adolescentes sobre segurança on line**.2018.Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-e-facebook-lancam-ferramenta-que-fala-com-adolescentes-sobre-seguranca-online/>.

PERES, J et al.**Cultura tecnológica e vulnerabilidade ao trauma psíquico**. 2012 Disponível em: [.http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/cultura_tecnologica_vulnerabilidade_trama_psiquico.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/cultura_tecnologica_vulnerabilidade_trama_psiquico.pdf).

PRATTA,E.M.M.,SANTOS,M.A. **Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros**.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>

Artmed, 2009.

SCHREIBER, Fernando Cesar de Castro; ANTUNES, Maria Cristina. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015.Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jul. 2018.

VIANA,R.S.;LOURENÇO ,L.M. **Estudo Qualitativo sobre depressão e a ansiedade social na adolescência: uma revisão bibliográfica**.2017. Disponível em :<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1084.pdf>.